

Discurso do orador da turma dos Bacha- reiros de 1929, sr. Luiz Oiticica

Exmas. senhoras.

Meus senhores.

A presença, ás solennidades, dos que as assistem, raro traduz o indice, pelo qual se deprehenda o motivo, que a tem determinado.

Bem notamos, quanto o espirito do não visto, esse aneio que nos é innato, agindo no subconsciente, influe em nós e nos impelle ás reuniões e festividades, onde possa ser satisfeito.

Mas, a solennidade da collação de grau de bachareiros, como a que aqui se effectúa, apenas revestida de uma curiosidade e de um interesse imanentes e nada subjectivos, se resente dessa feição, desse sabor do ineditismo que possa ser contado como factor determinante das vossas, para nós honrosas presenças.

Portanto, outros os motivos, aqui vos fizeram vir, senhoras e senhores; outras foram as causas influen-

ciadoras de vossa resolução, outras as razões, com que vos tornaes merecedores dos nossos sinceros agradecimentos, pela honra que nos concedeis em a nossa festa de despedidas.

E essas razões são as razões do coração. Razões do coração, pelo lado puramente affectivo, e razões do coração também pelo lado moral.

Pois, como disse Ruy, na sublimidade de sua "oração aos moços", o coração é o organ da fé, o organ da esperança, o organ do ideal. Vê por isso com os olhos d'alma, o que não vêem os do côrpo. Vê ao longe, vê em ausencia, vê no invisivel e até no infinito vê.

Onde pára o cerebro de vêr, outorgou-lhe o Senhor que ainda veja; e não se sabe até onde.

E é assim, senhoras e senhores, que sois para uns neste momento, a força da alegria em plenitude; sois um lenitivo com que soergueis, retemperando o animo, talvez abatido, d'aquelles que não encontrarão aqui, a quem com as melhores forças d'alma, almejariam encontrar; e para todos na communhão dos mesmos ideaes, sois a synthese do encorajamento, o estímulo da nossa fé, a fé em nossa mocidade.

Esta solennidade, é uma d'aquellas para as quaes o espirito e o sentimento d'aquelles que lhe são partes directas, curvam-se n'uma intima prescrutação, buscando divisar no vortice das emoções mais antagonicas, o "porque" da sua origem e o "como" de sua finalidade. E tanto mais quanto, meus senhores, para nós, — "é chegado o momento de nos assentarmos mão por mão com os nossos sentimentos, de nos pôrmos á fala com a nossa consciencia, de praticarmos familiarmente com os nossos affectos, esperanças e propositos".

Deste momento, marco accentuado em nossas existencias, muito dependerá o exito final, na peleja que iremos encetar, pela natureza das nossas deliberações,

pelo valor das nossas convicções, nas affirmativas que a nós mesmos formularmos.

Notae que bem diversa é a satisfação nossa, deste momento, experimentada e previdente, d'aquella outra, esfusiantê e despreocupada, de quando a Faculdade ascendemos, possuidos de uma expansiva jovialidade propria de quem, pela vez primeira ingressa em uma Escola superior e como um verdadeiro desopresso, distancia-se victorioso da phase phantasma de preparatorios, forças caudinas d'aquelles que estudam.

Porque, no dizer de um dos nossos immortaes — é o estado mental do calouro, nos primeiros dias de Faculdade, o unico na vida, que se deve parecer com a bem-aventurança.

Dias, meses e annos, passados n'uma convivencia assidua e camaradesca, hombreados um ao outro, nas lides academicas, manuseando livros e programmas, e nas manifestações ruidosas de almas jovens, de sympathia ou de despreso, consagrando ideaes ou exaltando homens, nesse lutar isochrono se forjaram os élos dessa affinidade que nos une, affinidade de sentimentos, quando não de espirito, que só pode perdurar a despeito mesmo de nossa separação objectiva.

Sem fatuidade, porem de algum modo justamente envaidecido por esta delegação honrosissima, e subida distincção com que me accumularam os meus collegas de turma, eu falo não somente pelos moços, mas falo tambem para os moços.

Falo pelos moços, quando, como alumno me dirijo aos mestres desta Faculdade, e em especial áquelles que por espaço de cinco annos em incansaveis tertulias, nos deram o melhor de seu saber, e entre os quaes encontrámos verdadeiros amigos na dedicação do seu professorado e na solidariedade que não nos negaram em momentos dos quaes dirá mais eloquentemente o

meu silencio; falo pelos moços, quando, como collega me despeço dos que ainda aqui continuarão; e finalmente, falo pelos moços quando lembro as duas individualidades que nesse momento, mais de perto comnosco se associam: o nosso homenageado e o nosso paranymphe.

Os bacharelados de 1929, em um bem orientado impulso, não foram procurar longe desta Faculdade, um espirito de escol, um fulgido talento, a quem render o seu preito de admiração.

Acharam aqui mesmo em a nossa Escola esse espirito, a quem rendem o preito mais que de admiração, de amizade sincera, como o de que bem é merecedor o homenageado da turma, o nosso querido mestre, Gervasio Fioravanti.

E' um velho; mas um velho que faz surgir da zeve da sua idade, o calor do entusiasmo moço, nos altissimos vôos de sua intelligencia adamantina, quando no convivio seu com a mocidade; convivio que não cansa, convivio que illustra, convivio que nos proporciona o ensejo de conhecermos as joias purissimas do seu lyrismo e que pesarosos vemos cessar agora, perdurando muito embora comnosco, na recordação que delle levaremos.

Para a escolha dos que haviam de figurar em o nosso quadro de formatura, e haviam de se perpetuar em nossas evocações, pela visão retrospectiva da nossa vida de academia, presidiram o character da justiça, o do merito e o do affecto.

E foi assim que a despeito mesmo do alheamento em que desejaria permanecer conforme nos declarou, escolhemos como nosso paranymphe, o illustre mestre desta escola, o dr. Mario Castro que não se recusou nos conceder a honra que delle solicitavamos.

E meus collegas eu me felicito comvosco pela es-

colha que fizemos do nosso paranympho, pelas qualidades que exornam o seu character.

A sua ultima licção que tambem é a ultima que aqui ouviremos, nos ficará perenne, pela occasião em que a ouvimos e a autoridade de quem a proferira.

E agora, falo para os moços, e para elles focaliso a analyse de factos da nossa organização interna, deixando resumbrar a causa remota dos resultados que nos tem advindo da republica, nos moldes em que foi plasmada.

Para os moços, porque nelles se esperando a acção, a elles incumbe a obra mais que patriotica, da lapidação do nosso regimen.

Senhores: o exemplo insophismavel da historia, e o concurso não menos valioso das indagações sociologicas, nos têm provado á saciedade que os grandes movimentos politico-sociaes dos povos, são o inicio de uma nova phase em sua evolução, cuja transição se opera normal ou violentamente, isto é, pela revolução.

E são tambem esses movimentos, um signal magnifico da vitalidade e da marcha em busca da perfectibilidade desses povos.

E isso porque "os povos e os individuos não progridem sinão por esforços continuos, quando sua evolução progressiva para, uma evolução repressiva creadora da degenerescencia lhe succede." (G. Le Bon).

A agitação que entre nós se accentúa, agitação politica e mais que isso, economica e financeira, indica que entrámos em uma dessas phases que já não vêem sem tempo.

Vemo-la assignalada nas manifestações da mentalidade coetanea, procurando corporificar idéas reclamadas logicamente pelo evoluir da nossa civilização, e reclamadas pelas necessidades e interesses da collectividade, em que ellas se vão applicar e em que directamente incidem.

Em quarenta annos de federalismo, em quarenta annos de descentralisação, a nossa unica, maior e mais completa empreitada, tem sido convencermo-nos de que vivemos sob o regimen que nos convinha.

Mas o federalismo tem sido o nosso grande mal, e não o unico.

Padecemos os resultados da influencia do positivismo na mentalidade dos que assim nos constituiram.

Dispensaram etápas que não podiam ser desprezadas, para a nossa normal e gradativa marcha progressista.

A intenção teria sido a mais louvavel, porém foi precipitada.

Insurjo-me contra o federalismo, apoiando-o ao mesmo tempo.

Não é um paradoxo, e muito menos um retrocesso.

Apoio o federalismo como forma de governo para aquelles paizes que o podem adoptar, mas combato o federalismo nosso, a sua implantação como regimen nosso em 91.

Unicamente não podiamos acceitar a descentralisação.

E a razão está em que, sendo como eramos um paiz sem a caracteristica ethnologica assignalada, amalgama de tres raças com inclinações moraes as mais diversas; um paiz que mal se libertara do regimen do escravagismo, e cujo analphabetismo, posso dizer, era em 1889 uma instituição; um paiz havia quatro seculos quasi fôra essencialmente unionista; um paiz cuja educação politica se restringia ao ambito de uma diminuta elite, menos da metade de sua população, ainda nesse tempo bem reduzida, não podia se constituir sob aquella forma de governo que presuppõe uma organização modelar, perfeita, sedimentada, e no seu povo uma educação politica superior; e quando er-

roneamente embora o fizesse nunca se pautando pela organização de outro paiz, cujas condições morphologicas eram essencial e fundamentalmente diversas das suas.

Nos Estados Unidos, de onde fomos importar o nosso regimen federal, eram outrás as tradições, outros os habitos, outra a educação, outra a raça, e sobretudo outra a organização interna, tanto assim que o federalismo americano surgiu da peripheria para o centro, congregando Estados que gosavam de autonomia.

Entre nós, o federalismo, desagregou o que vivia unido.

Sim, senhores, porque o que se nota no Brasil é o egoismo supremo, no sentido de ser mantida a grandeza material e a hegemonia politica de certos Estados favoritos e favorecidos, que por sua vez não vacilam em sacrificar interesses vitaes das outras unidades, prejudicando-as clamorosamente, desde que a sua grandeza de frontispicio seja assegurada. A decadencia de pujantes civilisações passadas, o advento do execravel feudalismo, que medrou até o fim da Edade Média, tiveram como causa primordial, a descentralisação, a multipla divisão dos poderes administrativos e governamentaes, dando em resultado a syncope demorada da evolução progressista das nações européas.

E não só; moderadamente agora, nos dias em que vivemos, grandes nações, mesmo com notificado relevo na historia da humanidade, atiradas a desorganização interna e ao desprestigio exterior, pela anarchia politico-administrativa, por falta de um poder centralizador capaz, como succedeu com a Hespanha, Turquia, Portugal e Italia, se viram na contingencia de recorrer á mais centralisada forma de governo que se conhece como a unica possivel de soergue-las: a dictadura; cen-

tralização governamental, politica, financeira e administrativa.

E os resultados todos nós bem os conhecemos.

Tem-se dito que a dictadura é o caminho para a democracia.

Talvez o seja.

O que não fallece duvida, é que ha occasiões na vida das nações, novas ou antigas, monarchicas ou democraticas, em que a dictadura não sendo para se de-sejar, é no emtanto, bem para se esperar.

E pela simples razão de que nas crises humanas, ha alguma cousa mais forte do que os homens que parecem dirigil-as: a vontade do proprio acontecimento, sentenciou Lamartine.

Polybio, o émulo de Platão, já naquelle tempo analysando os phenomenos politico-sociaes, dizia que as nações percorrem um cyclo evolutivo, quanto ás suas formas de governo: Monarchia, Olygarchia, Democracia e Dictadura, é a sua formula. (M. Felicio).

E a observação do grande estadista e philosopho helleno, é profundamente verdadeira, e se tem verificado com pequenas variantes em todos os tempos até hoje.

E' pela luta que se tem travado no deslisar dos seculos, pelo engrandecimento moral e material das nações, que o unitarismo se tem imposto como a fórmula que mais satisfactoriamente ha resolvido o problema das nações em formação.

E não se venha affirmar com Toqueville que a centralização administrativa pode concorrer para a grandeza passageira de um homem, e não para a prosperidade duravel de um povo, porque então o seu argumento servirá com maior força contra a descentralização, caso em que a grandeza passageira a que elle se refere, será não somente de um individuo, mas de

tantos quantos forem os departamentos ou Estados em que se dividir o paiz; o que é menos para se desejar, porque é mais para se temer o imperio de muitos, que o de um apenas.

Pelo menos em principio assim o é.

Que a descentralisação administrativa seja um factor de progresso, de evolução, é incontestavel.

E por tal ser, de relance, considerando-se a enorme extensão territorial do Brasil, que infelizmente, só nos tem causado um extase contemplativo, considerando-se uma tal extensão, quase que se lembra a adopção da descentralisação administrativa.

Mas, clamando contra ella e tambem contra a descentralisação governamental, erguia-se a nossa reduzidissima educação politico-social.

E uma consequencia della é constituir letra morta o artigo 68 da nossa Constituição, o que equivale dizer que, entre nós, no federalismo brasileiro, não existe o principio fundamental, o angulo basilar de todo o regimen federal.

E esse principio fundamental, esse angulo basilar e essa cellula morta no organismo federal de nosso paiz é a autonomia do municipio.

E é verdade que se constata.

Não ha no Brasil a autonomia do municipio que prescreve a sua Constituição, dada a mentalidade ignara do seu povo, e o abuso dos que têm a faculdade de cercear essa autonomia, muito embora não o devam fazer.

E' uma affirmativa bem evidente, tanto mais que em começo gozaram os municipios de prerogativas que depois foram cerceadas, como incompativeis com os propositos e as pretensões dos governos centraes.

A autonomia municipal é atacada na electividade dos seus dirigentes, nos seus actos de gestão e até na

arrecadação dos seus impostos, impondo-se-lhe uma prestação de contas que não tem razão de ser e de modo algum pode ser justificada.

Por isso não só, relativamente á autonomia do municipio, como em tudo o mais, que implica effeito do regimen, nós observamos o falseamento do federalismo, com tendencias a um unitarismo arranjado, de accordo com as conveniencias, longe e muito do verdadeiro.

Situação de dubiedade, com os defeitos do federalismo e sem as vantagens do regimen humanitario, a forma de governo do Brasil é sem duvida *sui-generis*.

E aqui cabe a observação de um escriptor patricio:

“O que a nossa experiencia demonstra é que adoptamos em 1891, um regimen liberal de mais, para o qual não estavamos nem estamos devidamente preparados.

Duas alternativas se apresentam agora diante de nós: ou corrigil-o ou supportar um seculo de escravidão.”

Meus collegas de turma.

E' esta a última vez que assim nos encontraremos reunidos, companheiros de cinco annos.

Sim, pois quem nos assegura que ainda nos havemos de encontrar?

Guardemos bem viva nos olhos a imagem desse momento, em que se reúnem tantos cerebros que pensaram juntos, tantos corações que pulsaram nas mesmas emoções e tantas almas que anhelaram pelos mesmos idéaes.

Que elle continúe na emotividade dos nossos corações, na idéalidade de nossas almas e no adeus individualizado que a cada um de vós envio.

D'aqui partiremos para a vida publica, com a responsabilidade de um titulo scientifico, percorrendo estradas differentes, em direcções diversas.

Não vos desejo para que chegueis ao fim, para que chegueis á conclusão dos vossos idéaes, o caminho mais curto, porque como na lenda, nem sempre é elle o que mais depressa nos conduz ao termo da jornada.

Sejames as vontades orientadas no sentido do bem commum, sabendo querer para melhor agir e nos mistéres do nosso sacerdocio encarnemos os Derwiches conscienciosos da acção no culto magnifico da justiça.